**APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E O SISTEMA DE AVALIAÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS**

**Jussara Queiroz de Araújo¹**

**RESUMO**

As escolas públicas brasileiras há anos vêm enfrentando dificuldades no que concerne aos índices de repetência e fracasso escolar. A abordagem equivocada de conteúdos, avaliações quantitativas que buscam indicadores de evolução intelectual do aluno sem priorizar suas habilidades e aptidões naturais. A partir desta problemática buscamos nos aprofundar em uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, com enfoque na aprendizagem significativa e o que ela pode acrescentar de melhorias a prática docente, quais foram os primeiros pensadores sobre o assunto e o que teóricos como Ausubel, Lev Vygotsky e Jean Piaget têm a acrescentar em nossas práxis enquanto educadores. Nossa pesquisa tem o intuito de esclarecer para o leitor e educador quais caminhos, propostas e técnicas educacionais podem ser abordadas e oferecidas aos alunos de maneira lúdica e prazerosa sem frustrar ou desvalorizar os que por algum motivo se destacam de maneira peculiar dos demais educandos.

**Palavras Chave**: Aprendizagem, avaliação, habilidades

**ABSTRACT**

Brazilian public schools have faced difficult about school repetition and failure. Wrong approaches of subjects, quantities evaluation which search indicators of student intellectual evolution without prioriziting their natural skills. Starting of those issues we deepen in a bibliography search about the theme with focus in significant learning and which it can show us of improviment in our teaching skills, who were the first thinkers about the theme and which theoretical like Ausubel, Lev Vygotsky and Jean Piaget have to say about our teaching approaches. Our search has the aim of clearly show to the readers and teachers which ways or education techniques it can be approached for the students improving their skills.

**Keywords**: Learning, evaluation, skills.

**INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa bibliográfica tem como objetivo refletir sobre o modelo de avaliação escolar implantado em nosso país, que busca verter em indicadores numéricos o sucesso ou o fracasso dos alunos, desestimulando-os a continuar sua jornada acadêmica.

O presente estudo buscou debruçar-se sobre a teoria sociointeracionista de Lev Vygotsky, a teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget e os estudos sobre a aprendizagem significativa do pesquisador norte-americano David Paul Ausubel com o objetivo de fazer uma comparação dialógica entre o modelo atual de ensino das escolas públicas brasileiras e o que versa a teoria dos pensadores supracitados sobre o assunto.

Nosso sistema público de ensino tem falhado e como consequência tem marginalizado muitos jovens e crianças que não são estimulados da maneira adequada dentro da sala de aula. Crianças e jovem que não se identificam com os temas tampouco os conteúdos pré-estabelecidos, e por consequência são exclusos do sistema social por não se sentirem parte dele.

Enquanto pesquisadores e estudiosos do assunto, refletimos sobre o que temos valorizado ou desvalorizado dentro das salas de aula, quem são os nossos alunos e quais são os seus anseios e inseguranças. Até que ponto o sistema vigente de avaliação escolar tem atrapalhado muitos docentes na hora de fazer um exame mais cauteloso sobre o desempenho do seu aluno em sala de aula e quais caminhos o jovem deve seguir para encontrar sua realização pessoal enquanto aprendiz. Nos capítulos subsequentes falaremos mais sobre o tema, esmiuçando os pontos positivos e negativos do modelo de avaliação escolar vigente.

**1. A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E SEUS PRIMEIROS PENSADORES**

Quando pensamos em aprendizagem, imaginamos a figura de um professor transmitindo seu conhecimento para uma sala de aula repleta de crianças com fisionomias diferentes, modelos familiares diferentes, personalidades diferentes e todas elas recebendo informações sobre o mesmo tema. Logo imaginamos que em um ambiente de aprendizagem como a sala de aula, o processo de assimilação é homogêneo de unilateral. Mas, na realidade cada ser humano possui uma habilidade própria de assimilar informações e desenvolver novas habilidades cognitivas.

Logo, mediante o cenário citado acima, surgem os questionamentos: Por que sempre há alunos ditos *bons* e alunos *ruins* em sala de aula? Que parâmetros os classificam desta maneira? Quais conteúdos possuem um real significado para o educando?

O pesquisador David Paul Ausubel (1918-2008) tornou-se conhecido após propor o conceito de Aprendizagem Significativa.

Filho de imigrantes judeus, nascido na cidade de Nova Iorque, durante o período escolar Ausubel enfrentou dificuldades em se adequar ao modelo educacional behaviorista, que era o método adotado nas escolas norte-americanas.

Quando adulto, formou-se em medicina psiquiátrica, entretanto dedicou parte de sua vida profissional e acadêmica voltado para o estudo da psicologia educacional.

Seu discípulo e professor Joseph D. Novak, o mesmo, foi responsável por debruçar-se sobre a teoria de Ausubel e refinar a tese sobre Aprendizagem Significativa. Assim como Ausubel, o professor Novak também contribuiu academicamente para a disseminação dos estudos voltados para a Aprendizagem Significativa.

Segundo o Professor Marco Antônio Moreira, podem-se distinguir três tipos gerais de aprendizagem: a cognitiva, a afetiva e a psicomotora. A aprendizagem cognitiva é aquela que resulta na organização de informações na mente do ser aprendiz. A aprendizagem afetiva está relacionada à sensações vividas como: prazer, dor, alegria, tristeza, ansiedade etc. Algumas experiências afetivas acompanham as cognitivas. A aprendizagem psicomotora envolve respostas musculares que ocorrem mediante treino e prática, mas algumas aprendizagens cognitivas são importantes para a aquisição das habilidades psicomotoras (MOREIRA,1999, p.152).

Cada indivíduo possui experiências singulares, o que torna o ser humano único em suas vivências. Partindo desta premissa, observamos que os níveis de habilidades e competências de cada indivíduo são variáveis e estão em constante desenvolvimento. O educador necessita ter a sensibilidade e o comprometimento de conhecer as potencialidades do seu pupilo, para a partir deste diagnóstico, traçar metas de desenvolvimento do aprendiz.

De acordo com Moreira (1999) a teoria de Ausubel versa que o que trás real influência para a aprendizagem são os conhecimentos prévios do aluno. Desenvolver as potencialidades do educando, baseando-se naquilo que ele já conhece, explorando novas possibilidades, sempre ancorado em um conhecimento anterior.

O aluno sente real interesse quando as abordagens propostas em sala de aula têm haver com seu dia-a-dia, sua realidade existencial. Aprendizagem significativa é encontrar sentido para sua própria existência, se identificar com o que é oferecido por parte do professor.

“A aprendizagem ocorre quando a nova informação ancora-se em conceitos ou novas proposições relevantes, preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz” (AUSUBEL, 1980 apud MOREIRA, 1999, p.153).

Para que o professor trabalhe sob o prisma de aprendizagem real e não camuflada por testes de memorização e simulação, é conveniente que o docente saiba articular os conteúdos com situações problema onde o aluno terá que utilizar e desenvolver suas competências baseando-se no que foi proposto anteriormente e termos de conteúdos trabalhados.

De acordo com Moreira (1999) a avaliação é uma ferramenta útil como veículo de verificação, mas o professor necessita de cautela ao utilizar parâmetros avaliativos. Cada aluno possui um tempo e um potencial diferenciado.

A principal dificuldade encontrada nos espaços escolares da atualidade está relacionada à valoração e classificação dos aprendizes com base em testes homogêneos como: exercícios escritos de avaliação, desenvoltura do aluno ao apresentar seminários, interação do aprendiz com os colegas, etc.

Cabe ao professor possuir sensibilidade para diversificar seus critérios avaliativos um a um, observando as especificidades e o grau de importância dos conteúdos propostos.

**2. A APRENDIZAGEM SOB O OLHAR DE JEAN PIAGET**

A teoria de Piaget não é exatamente uma “Teoria da Aprendizagem” Piaget dedicou-se a estudar sobre o desenvolvimento mental. Como a mente humana processa novas informações e se desenvolve.

Piaget preferia falar em “Aumento do conhecimento, analisando como isso ocorre: só há aprendizagem quando o esquema de assimilação sofre acomodação” (PIAGET,1977 apud MOREIRA, 1999, p.102).

A teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget é vasta e seria complexo esmiuçar em apenas um capitulo todas as especificidades de seu trabalho. Mas, resumindo a grosso modo o que diz a teoria de Piaget, o processo de aprendizagem possui três etapas distintas: assimilação, acomodação e equilibração.

Em cada uma dessas etapas o indivíduo é o agente da aprendizagem e não o paciente. Ele age sobre o objeto de conhecimento e monta esquemas mentais de assimilação. Após assimilar o objeto de conhecimento ocorre o processo de acomodação e após a acomodação mental acontecer vem o processo de equilibração. Segundo Piaget (1977), após concluída a equilibração, a mente já está pronta para receber novos objetos de conhecimento e repetir o mesmo processo.

Do mesmo modo que Ausubel defende um ensino baseado em ancoragem de novos conhecimentos sob conhecimentos prévios do aprendiz, Piaget versa que “Experiências acomodadas dão origem, posteriormente, a novos esquemas de assimilação e um novo estado de equilíbrio é atingido” (PIAGET, 1977 apud MOREIRA, 1999, p.100).

Os objetos de conhecimento devem ser proporcionais ao nível de desenvolvimento cognitivo do aprendiz, assim como o objeto a ser assimilado deve conter alguma significação. O objeto a ser assimilado não pode ser discrepante. Segundo Moreira (1999) muitas vezes os esquemas de ação da criança não conseguem assimilar determinada situação. Neste caso, o organismo desiste ou se modifica.

Os níveis de desenvolvimento cognitivo variam de indivíduo para indivíduo, assim sendo, cada ser humano possui um ritmo e um grau de experiência diferenciado. As variáveis que vão determinar as peculiaridades de desenvolvimento mental de cada pessoa, são os fatores: idade, maturação orgânica e vivência.

Piaget (1977) afirma que o desenvolvimento mental da criança pode ser identificado tomando por base os esquemas de assimilação que ela utiliza.

O corpo humano possui um tempo de maturação. Determinados aspectos do desenvolvimento cognitivo só irão alcançar sua plenitude na adolescência e fase adulta. O professor enquanto orientador do aprendiz precisa ter conhecimento sob o perfil social e orgânico do seu aluno. Certos tipos de linguagem só serão úteis na primeira infância ou serão entendidos apenas na adolescência. Não seria sensato tratar adolescentes com uma linguagem infantil assim como não seria adequado tratar crianças como pequenos adultos.

“Não há dúvidas de que certo número de condutas depende mais ou menos dos primórdios do funcionamento de alguns aparelhos ou circuitos: é o caso da coordenação, da visão e da preensão cerca dos 4,5 meses de vida” (PIAGET, 1977, p.132).

A aprendizagem se torna significativa para o aluno, quando o objeto de estudo está de acordo com o nível intelectual do aprendiz e a matéria abordada é apresentada de forma adequada. O fracasso ou sucesso escolar nada tem a ver com capacidade ou incapacidade do aluno e sim com a maneira como o tema é oferecido a ele.

Para Piaget, no que concerne ao ensino, ele argumenta que as supostas aptidões diferenciadas dos ditos bons alunos em matemática ou física, por exemplo, em igual nível de inteligência, consistem principalmente na sua capacidade de adaptação ao tipo de ensino que lhes é fornecido (MOREIRA, 1999, p.105).

O principal problema enfrentado em nossas escolas no que diz respeito ao fracasso escolar está na classificação equivocada dos alunos. Se o professor oferece aos alunos um conteúdo e aborda-o em um único método, a probabilidade de que apenas uma parcela da turma irá assimilar o conteúdo é maior. O ideal é que este professor busque maneiras criativas e alternadas de trabalhar o conteúdo em sala.

Os maus alunos nessas matérias, que, entretanto, são bem sucedidos em outras, estão na realidade perfeitamente aptos a dominar os assuntos que parecem não compreender, contanto que estes lhes cheguem através de outros caminhos: são as lições oferecidas que lhes escapam à compreensão, e não a matéria (PIAGET, 1977 apud MOREIRA, 1999, p.105).

Se o aluno não consegue se desenvolver com qualidade em determinada área do conhecimento, o insucesso é fruto de uma má abordagem do conteúdo. Todavia, o aluno é perfeitamente capaz de dominar qualquer matéria, a menos que ele possua algum tipo de problema ou limitação mental, sofra de alguma patologia que o impeça de se desenvolver no mesmo ritmo que os ditos bem sucedidos alunos.

Podemos observar também, que as escolas brasileiras possuem uma grade curricular que deve ser seguida, com conteúdos que obrigatoriamente devem ser explorados pelo professor em sala de aula. O problema é que, geralmente a gama de conteúdos oferecidos é extensa de mais para a quantidade de horas aula. Então, o professor se vê obrigado a acelerar o processo de explanação e abordagem de determinados temas, para que consiga cumprir a meta de transmitir o máximo de conteúdos possíveis em tempo hábil.

Mas, entra em questão o fato de que, nem todo indivíduo possui o mesmo ritmo de assimilação. Conteúdos que para determinados alunos são de fácil compreensão, para outros pode ser necessário um tempo maior de dedicação e estudo sobre a matéria.

Como o professor tem um tempo estipulado em bimestres ou trimestres e que não pode deixar de seguir com o seu cronograma, acaba deixando certos alunos “para trás” no que diz respeito ao completo entendimento e domínio do conteúdo abordado.

Embora as teorias educacionais afirmem que os planos de ensino e planos de aula sejam apenas norteadores do processo ensino-aprendizagem, e que esses planos não podem ser engessados e sim flexíveis ou perfeitamente adaptáveis, a realidade encontrada pelo docente nas reuniões pedagógicas é bem diferente.

O professor se vê pressionado a seguir com o conteúdo e concluir sua meta de explanar todo o conteúdo antes que termine o ano letivo.

O que acontece é que, como os conteúdos são gradativos e a cada passo no ensino, aumenta-se o grau de dificuldade. O aluno que não conseguiu assimilar o conteúdo no mesmo grau que os demais, acaba construindo novos conhecimentos em um alicerce frágil.

“Piaget argumenta que é perfeitamente possível que o insucesso escolar em um outro tópico, decorra, por exemplo, de uma passagem demasiado rápida da estrutura qualitativa dos problemas” (PIAGET, 1977 apud MOREIRA, 1999, p.106).

**3. A APRENDIZAGEM SOB O PRISMA DE LEV VYGOTSKY**

Lev Vygotsky aborda a temática de desenvolvimento cognitivo com enfoque nas interações sociais do ser.

Cada etapa alcançada no desenvolvimento é fruto de vivências, experiências e interação do ser com o mundo. Segundo Vygotsky (2000) os processos mentais superiores (pensamento, linguagem, comportamento volitivo) têm origem em interações sociais. Baseando-se em tal informação é pertinente enquanto docentes buscarmos compreender o universo do aluno e suas vivências. Dar significado aos conteúdos abordados em sala é oferecer ao aluno a chance de desenvolver suas habilidades enquanto indivíduo e cidadão. Logicamente o discente se sentirá mais motivado aos estudos se as suas experiências anteriormente vividas tiverem um sentido dialógico com os conteúdos a serem oferecidos pelo professor em sala de aula.

Aprender por prazer, aprender para desenvolver habilidades, aprender para fazer parte de um contexto social produtivo. Segundo Moreira (1999) a aprendizagem é necessária para o desenvolvimento. Aprender é ter competências para se expressar em contextos sociais, reconhecer as regras e os protocolos, apoderar-se de habilidades cognitivas de ação e persuasão.

Imaginemos que o aluno é uma pedra bruta que precisa ser lapidada. Determinados comportamentos, determinados modus operandi são desenvolvidos no ambiente escolar para que a partir desta vivência e interação o indivíduo reconheça sua individualidade e sua coletividade no meio onde está inserido. A educação tem a tarefa de ampliar determinadas potencialidades.

Condutadas aprováveis e ou responsáveis são regras sociais a todos imposta, a escola e a família tem o papel de alinhar o ser em desenvolvimento com tais regras. Mas, o ambiente escolar vai além, a educação escolar tem o poder de modificar realidades, construir novos contextos, ampliar horizontes. A educação escolar pode proporcionar ao indivíduo oportunidades que seriam inviáveis sem a devida educação e o devido preparo.

Para Vygotsky (2000) o único bom ensino é aquele que está à frente do desenvolvimento cognitivo e o dirige. Trabalhar as potencialidades do educando a partir de sua vivência, explorar suas habilidades fortes e fortalecer as habilidades frágeis.

Cada indivíduo possui uma gama de inteligências múltiplas, algumas pouco exploradas, algumas sequer descobertas. Infelizmente o sistema educacional vigente exige dos alunos um conhecimento quantitativo e cumulativo que na maioria dos casos possui pouco significado para os discentes, o resultado de um ensino sem significado é reprovações, evasão e desistência.

Se, por ventura o aluno não se encaixar em um molde pré-definido de habilidades ele é marginalizado, excluso do que seria um bem sucedido cidadão.

“Diretamente relacionada com a interação social está a aquisição de significados” (VYGOTSKY, 1998 apud MOREIRA, 1999, p.112).

Aprender por aprender tem sido a premissa nas escolas brasileiras. Falta motivação e matérias atrativas, relevantes. Alguns temas são pouco explorados, temas como a música, a dança, as artes cênicas e tantos outros que mal ouvimos falar.

A aprendizagem significativa ainda não é uma temática explorada como deveria ser no ambiente escolar, poderia ser uma ferramenta útil para orientar e direcionar o ensino tornando-o mais prazeroso para o aluno.

**4. A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E A ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA**

Fazer o aluno aprender com prazer e entusiasmo é um desafio diário requerido dos profissionais incumbidos desta missão. A escola pública brasileira tem buscado melhorar a cada dia suas práxis e combater a evasão escolar e a repetência, mas o que observamos enquanto docentes e pesquisadores do assunto é que os dados estatísticos têm sido mais valorizados em detrimento de outras perspectivas, como por exemplo, a real aprendizagem, a real exploração e potencialização de saberes e habilidades pré-existentes.

De acordo com Libâneo (2012) um dos grandes perigos dos tempos atuais é uma escola a duas velocidades, onde o discurso seja para a realidade do pobre e a prática e rotina esteja voltada para a realidade do rico.

Alguns pais e mães se angustiam ao ver seu filho de seis anos de idade não conseguir ler ou não se sentir bem dentro da sala de aula, pelo fato de ter que ficar parado ouvindo o professor por quatro ou cinco horas seguidas.

Aprender é uma tarefa dura e requer o máximo de vontade e perseverança por parte do aluno. Se o aluno não encontrar real prazer no ato de estudar ele de fato não terá motivação para permanecer frequentando a escola.

De acordo com o ECA(2012) toda criança e adolescente em idade escolar será incumbido de cumprir com suas obrigações escolares, assim como, os pais são obrigados a matricular seus filhos na escola e o Estado é obrigado a oferecer ensino gratuito.

O dilema enfrentado por familiares e professores está no fato de que nem todo indivíduo consegue se adequar ao sistema imposto pelo Estado dentro das escolas, as predileções muitas vezes fazem com que o docente sinta dificuldade de promover seu trabalho de modo satisfatório.

Alguns alunos se recusam a estudar ou dedicar tempo e energia em temas curriculares obrigatórios, e em algumas situações suas preferências pouco importam na hora de avaliar seu desempenho global na escola, pois determinadas matérias são consideradas mais “importantes” em detrimento de outras.

O ensino dos conteúdos deve ser visto como ação recíproca entre a matéria, o ensino e o estudo dos alunos. Através do ensino criam-se as condições para assimilação consciente e sólida de conhecimentos, habilidades e atitudes e, nesse processo, os alunos formam suas capacidades e habilidades intelectuais (LIBANEO, 2008, p.128)

No contexto escolar atual podemos nos deparar com o fato de que, para ser considerado um bom aluno, o discente necessita obrigatoriamente ter boas notas valorativas na avaliação das disciplinas, embora ele não se identifique com nenhuma delas. A assimilação consciente da qual fala Libâneo (2008) fica em segundo plano, deixando margem para o desestímulo desse aluno e a falta de familiarização com o que é oferecido para ele dentro da sala de aula.

Suponhamos que o aluno é muito habilidoso na área esportiva, mas não tenha afinidade com Língua Portuguesa e Matemática, mesmo assim, sua avaliação global será baseada em seu desempenho nessas duas matérias, porque aos olhos do sistema escolar público brasileiro, essas duas áreas do conhecimento são as consideradas de maior importância no boletim escolar.

O que questionamos é o por quê de instaurar a avaliação global do aluno tomando por base apenas duas áreas ditas “importantes” e desprezando as demais habilidades do educando. Dando relevância a números classificatórios e áreas do conhecimento e desprezando o que realmente importa que é o ser em desenvolvimento.

Quantos gênios das artes, da música, da dramaturgia e dos esportes estão sendo massacrados por um sistema educacional que dita regras e engessa o potencial individual de cada ser. Quem realmente é considerado “bom aluno” deve se adequar a uma lista pré-estabelecida de saberes, embora o aluno venha a ter genialidades escondidas que precisem vir á tona. Mas, na maioria das vezes a escola não dá espaço para que esses saberes venham a fluir.

Segundo Libâneo (2008) método é o caminho para atingir um objetivo, mas a escola em vez do sujeito é quem tem definido esses objetivos, unificando as necessidades sem se importar com a individualidade dos aprendizes.

O que buscamos em nossa pesquisa é alertar o professor, principalmente os professores do ensino fundamental, a ter um olhar crítico sobre o fracasso e sucesso escolar de seu aluno. Nós profissionais da educação por muitas vezes somos pressionados a oferecer resultados estatísticos, números que nem sempre retratam de fato a realidade. Temos que aprovar ou reprovar nosso aluno baseando-se em critérios fixos.

Será que nosso sistema de avaliação é de fato justo, ou fechamos os olhos para não enxergar que cada ser humano possui um talento diferente e que são essas características individuais que devem ser consideradas de fato relevantes.

De acordo com Moreira (1999) aprender significativamente está diretamente relacionado com aprender por prazer, por vontade de buscar qualificações naquilo que trás prazer ao educando.

As escolas públicas brasileiras lamentavelmente tem vivido em um “faz de conta” onde os professores lançam conteúdos obrigatórios e os alunos fazem de conta que estão levando tais conhecimentos a sério. Estudam para as avaliações, buscam priorizar o que é considerado importante para o sistema, e dias depois ou até mesmo horas depois, sequer lembram o que foi lido, estudado e debatido em sala de aula.

Nós professores de ensino fundamental devemos ter um olhar crítico sobre nossos alunos e ponderar nossa avaliação. Nem todos serão bons em tudo mas, todos nós somos habilidosos em algo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, conclui-se que a interação do indivíduo com o meio social a qual está inserido é matéria relevante no momento de oferecer ao aluno novas propostas de estudo. Quais ambientes frequenta, que tipo de familiares e amigos possui e qual é a cultura local, são ancoradouros onde o professor deve fixar suas bases de trabalho e prática.

Conhecer bem o aluno é o primeiro passo para impregnar de significado a prática docente e oferecer aos educandos um objetivo real para estar presente em sala de aula e ser agente do seu próprio desenvolvimento intelectual. Só nos gera curiosidade aquilo que nos trás interesse e motivação real. Esta é a ferramenta que o o professor deve utilizar no momento de influenciar seus alunos e colocar em prática o seu papel de educador.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL, ECA (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente; Lei nº 8.069/90 – Brasília: SEGRAF, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática – São Paulo: Cortez, 2008.

MOREIRA, Marco Antônio (1942). Teorias de Aprendizagem – São Paulo: EPU, 1999.

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977.

VYGOTSKY, Lev Semenovich (1869-1934). A construção do pensamento e da linguagem; Tradução Paulo Bezerra – São Paulo: Martins Fontes, 2000.